



**LEONILSON:  
TANTAS VERDADES**



**DVDteca**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Leonilson: tantas verdades / Instituto Arte na Escola ; autoria e coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2005.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 3)

Foco: FC-9/2005 Forma-Conteúdo

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-98009-04-0

1. Artes - Estudo e ensino 2. Artes - Forma 3. Artes decorativas - Caligrafia 4. Dias, José Leonilson Bezerra I. Martins, Mirian Celeste II. Picosque, Gisa III. Título IV. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

**MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA**

**Organização:** Instituto Arte na Escola

**Coordenação:** Mirian Celeste Martins  
Gisa Picosque

**Projeto gráfico e direção de arte:** Oliva Teles Comunicação

**MAPA RIZOMÁTICO**

**Copyright:** Instituto Arte na Escola

**Concepção:** Mirian Celeste Martins  
Gisa Picosque

**Concepção gráfica:** Bia Fioretti

**LEONILSON: tantas verdades**

**Copyright:** Instituto Arte na Escola

**Autores deste material:** Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque

**Revisão de textos:** Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

**Diagramação e arte final:** Jorge Monge

**Autorização de imagens:** Ludmila Picosque Baltazar

**Fotolito, impressão e acabamento:** Indusplan Express

**Tiragem:** 200 exemplares

## DVD

LEONILSON: tantas verdades

## Ficha técnica

**Gênero:** Documentário a partir de depoimentos de amigos, familiares, artistas e críticos de arte.

**Palavras-chave:** Linha; caligrafia; temática contemporânea; arte e vida; bordado; arte contemporânea.

**Foco:** **Forma-Conteúdo.**

**Tema:** A obra e a vida de Leonilson.

**Artistas abordados:** Leonilson, Leda Catunda, Sergio Romagnolo e Daniel Senise.

**Indicação:** Ensino Médio.

**Direção:** Cacá Vicalvi.

**Realização/Produção:** Rede SescSenac de Televisão, São Paulo.

**Ano de produção:** 2003.

**Duração:** 23'.

**Coleção/Série:** *O mundo da arte.*

## Sinopse

O último caderno de Leonilson inicia o primeiro bloco deste documentário, em contraponto com a fase inicial de sua trajetória artística. A história do artista é contada através de depoimentos da coordenadora da documentação do *Projeto Leonilson*, de sua irmã, de sua mãe, de críticos e de artistas. No segundo bloco, o percurso artístico é focalizado: algumas de suas pinturas, desenhos e bordados, incluindo o projeto e a instalação na Pinacoteca do Estado de São Paulo. O documentário traz também a fala deste artista cearense que residiu, desde os 4 anos, em São Paulo. No último bloco, sua fase final é abordada com silêncios emocionados, com a voz de críticos que apontam as contribuições de sua obra à arte contemporânea brasileira e com a fala do próprio artista por meio de fragmentos de depoimentos.

## Trama inventiva

Onde se vê a forma, lá está o conteúdo. Kandinsky discute essa questão de modo certo. Para ele, “a forma é a expressão exterior do conteúdo interior”<sup>1</sup>. A forma visual – linhas, volumes, cores,... e suas relações compositivas – é o meio pelo qual o artista dá ressonância, nos materiais, à sua idéia/pensamento e à emoção que quer expressar. A forma conjuga-se com a matéria por meio da qual se exprime, ligada aos significados que imprimem cada artista, período ou época. Forma e conteúdo são, assim, intimamente conectados, inseparáveis, imantados. Aproximação deste documentário ao território **Forma-Conteúdo** da cartografia oferece acesso a vias de compreensão para além do olhar analítico que separa a forma estética do conteúdo tematizado.

## O passeio da câmera

Adentramos na vida e obra de Leonilson pela voz de Pierina Camargo, museóloga do *Projeto Leonilson* que, com o gesto cuidadoso, em luvas brancas, nos mostra o seu último caderno. O pensamento do artista já é anunciado ali, assim como o que produz: “O que faço são objetos de curiosidade”.

A câmera passeia pelos objetos-brincadeiras do artista que colecionava diferentes objetos e se mostrava, como diz sua mãe e sua irmã, interessado por arquitetura, pois gostava de desenhar fachadas. A vida, porém, o encaminhou às artes plásticas. Seus desenhos iniciais e a sua caligrafia inconfundível são mostrados juntamente com suas pinturas, bordados e instalações, que aparecem, na maioria das vezes, entre uma fala e outra, na abertura e fechamento dos blocos do documentário.

Os espectadores são envolvidos por diferentes depoimentos. Há a fala da crítica de arte Lisette Lagnado, também autora de um livro<sup>2</sup> baseado em uma longa entrevista com Leonilson; a fala de Ivo Mesquita, curador de sua exposição na Pinacoteca de São Paulo, e de Marcelo Araújo, atual diretor desse museu. O fotógrafo Eduardo Brandão e a artista Leda Catunda, ami-

gos próximos de Leonilson, falam sobre o grupo que formavam e as discussões sobre arte decorridas nos encontros de sábado e domingo à tarde. São depoimentos emocionados que montam um caleidoscópio da vida e da obra deste artista falecido prematuramente.

O documentário, entretanto, não se fecha no pesar de sua morte. Na própria voz de Leonilson, há o seu desejo: “Eu estou cheio de vontade. Um homem-peixe com todo o oceano para nadar. Eu estou totalmente pronto!”. E sua esperança: “Sou um homem que levantou num avião e entrou nas nuvens, mais uma vez eu estava indo para algum lugar...”.

São muitas as proposições pedagógicas provocadas pelo documentário. Facilmente, poderíamos enfatizar, na obra de Leonilson, questões ligadas ao foco *Materialidade*, como o uso dos bordados, das tintas metálicas, das instalações, estabelecendo conexões com outros documentários deste foco. Outras proposições poderiam, ainda, conectar o DVD com *Linguagens Artísticas* (valorizando os meios novos) ou com *Processo de Criação* (destacando a poética pessoal, as escolhas). Também seria possível relacioná-lo com o foco *Saberes Estéticos e Culturais*, especialmente pela via do uso de signos e da arte contemporânea brasileira, e com *Conexões Transdisciplinares* (focalizando a filosofia e a reflexão sobre a morte ou as questões relativas ao corpo). Entretanto, esse documentário foi alocado em **Forma-Conteúdo**, pela coesão e enlaçamento entre o modo como o artista faz e pensa seu trabalho, entre a sua idéia e a forma que a torna visível, entre a vida e a arte.

## Sobre Leonilson

(Fortaleza/CE, 1957 – São Paulo, 1993)

Meu trabalho é meu ponto no mundo, sabe? É para onde eu corro.  
Meu trabalho é minha observação sobre mim mesmo...

Leonilson

O centro da obra de Leonilson é sua experiência individual, nela transparecem suas crenças e desejos. **Tendo o “eu” como o**

**grande tema de seus trabalhos, o artista realiza uma obra voltada para si mesmo, com influência da religião, sexualidade e romantismo. Seu trabalho traz as ressonâncias e as inquietações, em relação ao comportamento das pessoas, num redemoinho de quem as olha por dentro, caçador de si mesmo.** A poética de José Leonilson Bezerra Dias é produzida por essa sua forte característica de observador da alma humana.

Andando pelo mundo, Leonilson colhe imagens e palavras e as devolve em forma de arte, restituindo o “eu” para o centro da arte brasileira. Sua obra nos toca pela singeleza. Em um de seus bordados, ele escreve: “Voilà mon coeur” (Aqui está meu coração). “Meu trabalho é uma questão pessoal”, declara antes de morrer.

Artista nômade, nascido em Fortaleza, parte de sua cidade natal, aos 4 anos de idade, rumo a São Paulo, em 1961. Criado em uma família católica, Leonilson traz em sua formação dois dados necessários à leitura de sua obra: a cultura nordestina – com a literatura de cordel, o artesanato as cores vivas e as crenças populares – e a iconografia religiosa, ancorada nos valores morais. É aluno de Regina Silveira, Júlio Plaza e Nelson Leirner no curso de licenciatura em artes plásticas, pela Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP, no qual ingressa em 1977 e abandona em 1980. Monta um ateliê em parceria com Luiz Zerbini e inicia sua participação em importantes exposições. Sua primeira exposição individual realiza-se em Madri, em 1981. As viagens pela Itália, Alemanha, Portugal, França, Holanda, Inglaterra, Suécia, Argentina, Venezuela e Estados Unidos marcam sua trajetória e sua presença em outras individuais ou coletivas. Participa também da 18ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1985.

Leonilson é um dos maiores expoentes da chamada geração 80, corrente que traz de volta a estética pop à produção artística nacional. Sua obra toma impulso justamente a partir do início dessa década.

**Soube inovar na pintura, sendo o primeiro artista brasileiro a retirar o chassi de proteção de suas telas. Considera a expressão importante, não o suporte. Caso uma tela se rasgasse, bastava costurá-la. Essa atitude atesta sua visão dessacralizada do objeto artístico.** São dessa fase as telas *São tantas as verdades*, *Rios de palavras* e *O pescador de palavras*.

No início dos anos 80, desenha figurinos hilários para o grupo teatral *Asdrúbal trouxe o trombone*. O artista interessa-se pela moda, mas pondera: “É muito diferente quando um estilista faz uma roupa e quando um artista costura”.

Sua primeira exposição individual ocorre em 1983, na Galeria Luisa Strina. Em 1985, apresenta seus primeiros trabalhos tridimensionais em instalação na 18ª Bienal de São Paulo: uma pirâmide de livros e um globo. Deixa-se fotografar com esse globo nas costas, em referência ao mito de Atlas: “carregando o mundo”.

Lisette Lagnado, em seu livro *Leonilson: são tantas as verdades* (1995), classifica a produção do artista em 3 fases: “Pinturas como prazer”; “Romantismo: anotações de viagem”; “Allegoria da doença”. Essa periodização, diz a autora, ajuda a elucidar o emaranhado de signos visuais e verbais integrantes do trabalho de Leonilson, evidenciando o denso repertório utilizado para elaborar suas obras. A última fase, de 1989 até a morte, é a mais profícua e complexa.

De 1991 até a sua morte, Leonilson ilustra a coluna da jornalista Bárbara Gancia na Folha de S. Paulo com desenhos que conjugam palavras e imagens, uma arte verbovisual. O livro de crônicas *Leonilson: use, é lindo, eu garanto*, reúne os desenhos dessa época.

Leonilson falece aos 36 anos em decorrência de complicações causadas pela aids. Em homenagem aos dez anos da morte do artista, a Pinacoteca do Estado de São Paulo realiza, em 2003, a mostra *Leonilson na 18ª Bienal de São Paulo*, com curadoria de Ivo Mesquita, o qual comenta: “Ele trouxe a questão da identidade, do contador de histórias, o que o tornou uma referência e uma vertente bastante atual”.



## Os olhos da arte

O trabalho - para ser forte e coeso tudo tem que ter valor, pelo menos aproximado, a figura, a cor de fundo que dou, o fato de estar fazendo tela, ou bordado ou desenho...

Leonilson

A coesão que é abordada no documentário, pela própria fala de Leonilson, evidencia o enlaçamento entre o modo como ele faz e pensa seu trabalho. Vida e arte, numa relação umbilical, ditam sua poética. Vivendo um tratamento que incluía metais, Leonilson pinta com tintas metálicas. Imagens e palavras denotam seu pensamento, seu pensar e sentir crítico, suas inquietações, como, por exemplo, o desenho com balanças vazias, mostrado no documentário, que nos fala de relações assimétricas, de desequilíbrio, de injustiça.

A inseparabilidade de forma e conteúdo implica na operação artística em dois processos, segundo Pareyson <sup>3</sup>: “um processo de *for-*

*mação de conteúdo* e um processo de *formação de matéria*, uma relação conteúdo-forma e uma relação matéria-forma”. Tudo tem seu valor na obra - a figura, a cor de fundo, a tela, o bordado, o desenho – conforme os depoimentos do próprio artista. **A caligrafia, exposta no desenho, na palavra, na pintura, revela-se pela forma singular, em suportes inusitados (voile, linho, veludo, feltro) ou tão simples como o papel, com ferramentas tão artesanais como uma agulha de bordado ou uma simples caneta esferográfica. Através de palavras**



Leonilson - *Empty Man*, 1991  
Bordado sobre linho, 54 x 39 cm



reveladoras, de senti-  
dos quase indizíveis,  
labirínticos, de ocul-  
tação e aparecimento  
como a linha que as  
tecem. “Os louros – o  
cetro – o tombo”, qual a  
potência dessas pala-  
vras bordadas em frágil  
tecido? Não seria esse  
um bom exemplo da in-  
separabilidade de forma  
e conteúdo, na relação  
entre conteúdo-forma e  
matéria-forma?



Leonilson  
*Caderno*, 1989.

Para além da materialidade, é interessante adentrar no trabalho de Leonilson pela temática. Suas obras trazem a consistência narrativa da profunda sinceridade, a cumplicidade secreta e ambígua e o tom confessional de um diário íntimo, como nos diz a crítica e curadora Katia Canton <sup>4</sup>: conteúdo incorporado à matéria.

**As narrativas enviesadas, o corpo, a efemeridade da vida e a degradação física dos corpos, a sinceridade e o cinismo, a memória como condição de humanidade, são temáticas contemporâneas, segundo Kátia Canton<sup>5</sup>.** Signos aparecem convidando à leitura enigmática de letras, cruzes, vulcões e corpos em raio X. Marcas presentes na obra de Leonilson que incorporam a explosão do eu íntimo na arte contemporânea brasileira e são destacadas no documentário de Lisette Lagnado: “Não é falar de si, não é ser *observador de si mesmo* que o torna um artista, mas a densidade com que o faz, com *tantas verdades*.”.

Encontramos um olhar sobre esse “querer dizer” e o modo de dizer de Leonilson, no texto de Clara de Góes em *Imagem escrita* <sup>6</sup>.

Era uma vez... o tempo imperfeito de Ser... pretérito atualizado no presente passado que teima em continuar – quando é passado – e as luzes se apagaram – já – pois é passado e tudo à morte retomou. Ponto final de vida que é começo – em cruz – ponto de cruz, às vezes, num

paninho que recolhe, à moda de alçapão, um suspiro de vento, veludo rapidamente costurado, invólucro da morte por um triz, instante de Silêncio, quando, em meio a ruínas, o objeto se compraz de olhar.

O objeto, como um cofrinho; melhor, um relicário... relicário despojado de ouro, prata, pompa e circunstância, encerrando a relíquia, resto, puro traço-sobrevivência, inscrição da morte sobre os materiais – prosaicos – que suportam a existência. Resto que produz evocação. Evocação que se cria – e se crê – no ato mesmo de evocar-se, não no âmbito do pensamento, mas desses mesmos materiais que vão, ao longo da vida, carregando os retalhos da memória que, deslocados do pensamento, se costuram em outras configurações e circunstâncias. (...) De corte, costura e véus, a obra de Leonilson vai se tecendo nos traços que, de figuras, chegam à palavra, à poesia da letra bordada – inscrição da substância táctil dos materiais... os mesmos da infância.

Da costura à arte, o percurso do erro, do engasgo, do caroço irredutível que, aí, é diáfano como um sopro. (...) E, por fim, a confissão:

“Às vezes eu acho que gosto das pessoas pelo tanto de trabalhos que eu posso dedicar a elas”.

O amor toma conta de Leonilson, é certo... mas não só do corpo. A fúria da posse se desloca à obra no esvaziamento dos volumes e na criação de corpos diáfanos onde permanece, apenas, a marca da letra em nome: JOSÉ <sup>7</sup>.

Numa relação umbilical, vida e arte, forma e conteúdo, pensamento e matéria, carne e alma, são enlaçadas e conectadas na rudeza, na sensibilidade, na incógnita da vida e da morte.

Um importante teórico da arte contemporânea, Michel Archer<sup>8</sup>, coloca que “a arte é um encontro contínuo e reflexivo com o mundo em que a obra de arte, longe de ser o ponto final desse processo, age como iniciador e ponto central da subsequente investigação do significado”. Por meio da arte é possível pensar sobre o mundo, sobre a vida. A arte é provocadora de uma atitude de busca de significados, aflorados pela matéria que nos toca tanto quanto o significado de palavras que podem fugir de uma lógica cartesiana. A dualidade Logos e Eros pode ser vista em outros artistas também centrados em seus modos particulares de habitar o mundo, como Lygia Clark, Arthur Bispo do Rosario, Sandra Cinto, Flávia Ribeiro, Louise Bourgeois, Eva Hesse, Efrain Almeida, José Rufino. Outros artistas que enfatizam a linha e o desenho também poderiam ser buscados nos documentários alocados em *Linguagens Artísticas, Forma- Conteúdo e Materialidade*.

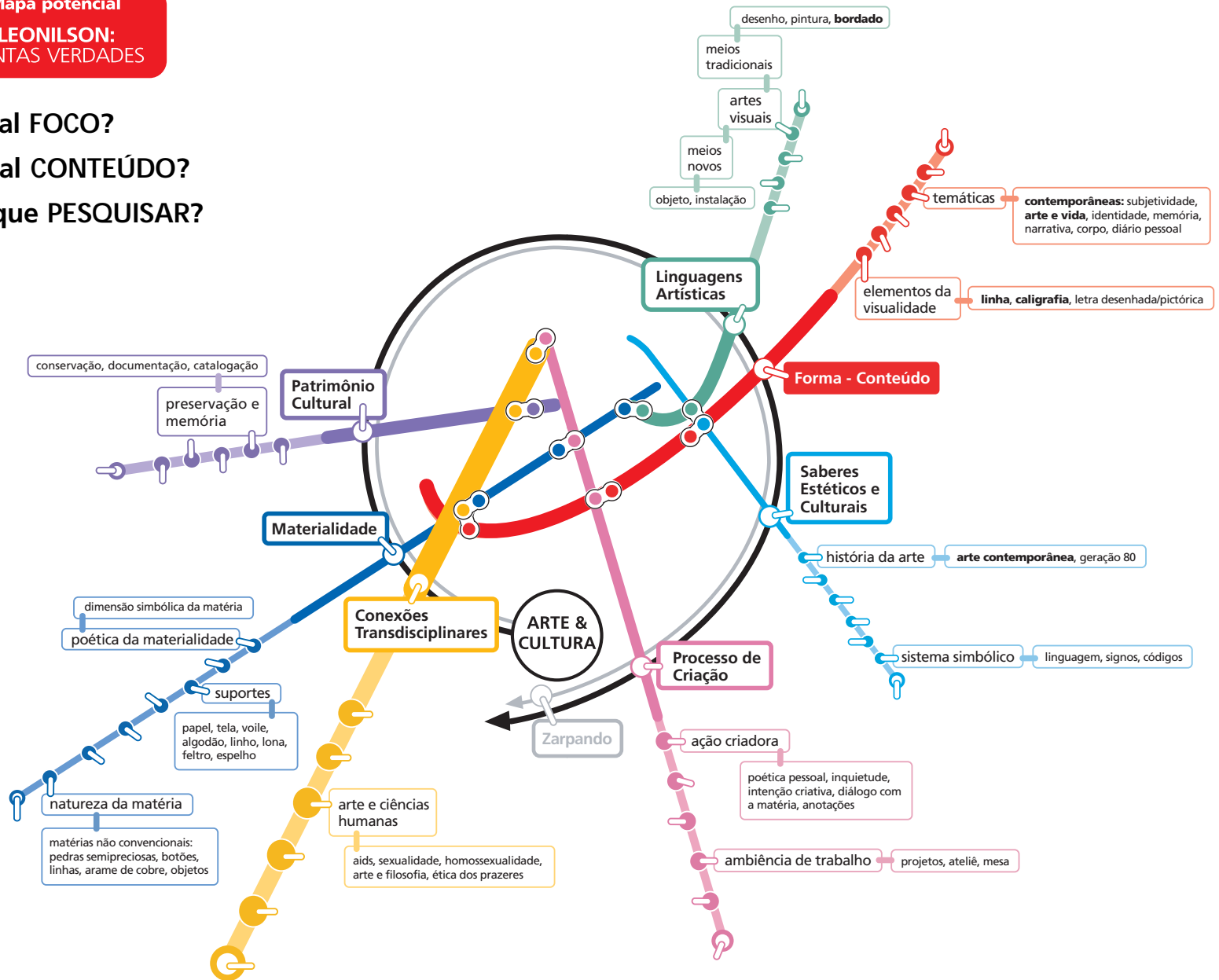
## O passeio dos olhos do professor

Possíveis problematizações podem despertar olhos talvez adormecidos ou banalizados pelo hábito do olhar superficial. Para isso, sugerimos que você assista ao documentário antes de mostrá-lo para os alunos, e registre as suas impressões durante a exibição, por meio de anotações (escritas, desenhadas, coladas...). Como Leonilson, crie também um diário de bordo, um instrumento de registro dos rumos trilhados por seu pensar pedagógico que serão retomados e desenvolvidos durante todo o processo de trabalho junto aos alunos. Algumas questões podem ajudá-lo, como uma pauta do olhar:

- O que o documentário desperta em você?
- O documentário faz perguntas a você? Quais?
- O que você imagina que os alunos gostariam de ver no documentário? O que causaria atração ou estranhamento?
- Que aspectos da obra de Leonilson chamam mais sua atenção?
- Lisette Lagnado fez uma longa entrevista com Leonilson e, posteriormente, escreveu um livro. No documentário, ela faz reflexões a respeito da obra do artista e diz que ele sabia ser este o seu último depoimento. O que você seleciona como essencial na fala dessa crítica e curadora de arte?
- Para você, a escolha da matéria e da forma parece integrada à temática do trabalho de Leonilson?
- Das imagens da produção artística de Leonilson presentes no documentário, quais você selecionaria para mostrar o modo como o artista lidava com as palavras? Como essa presença estética pode ser usada?
- Que questões sobre a arte, o amor, a vida, a morte e o comportamento das pessoas o filme lhe provoca?
- Em dois momentos distintos, o documentário mostra o trabalho de catalogação e conservação da obra de Leonilson. Você poderia introduzir essas questões em sala de aula?

**Mapa potencial**  
**LEONILSON:**  
**TANTAS VERDADES**

- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?



Ao rever as anotações, o seu modo singular de percepção e análise se revelará. A partir desses registros e da escolha do foco de trabalho, quais questões você incluiria numa pauta do olhar para o passeio dos olhos dos seus alunos pelo documentário?

A pauta não precisa ser trabalhada com os alunos como um questionamento verbal. O contato deles com suas questões pode ocorrer por meio das diversas proposições que você formular para aprender-ensinar arte. As respostas deles também podem não ser verbais, é possível que sejam expressas pelo desenvolvimento de seus processos de trabalho.

## Percursos com desafios estéticos

São várias as possibilidades que o documentário oferece. Dentre elas focalizamos a questão da **Forma-Conteúdo** que, embora possa parecer um assunto complexo, favorece a aprendizagem da especificidade da linguagem da arte. Apresentamos algumas proposições pedagógicas que preparariam os alunos para ver o documentário e para criar, olhar e pesquisar. São desafios estéticos que problematizam e atizam o pensamento para a criação.

## O passeio dos olhos dos alunos

Algumas possibilidades:

- Antes de mostrar o documentário, você pode encaminhar uma pesquisa via internet, na biblioteca ou em revistas de arte, para a busca de alguma informação sobre o artista José Leonilson Bezerra Dias. Essa é uma das formas de despertar a curiosidade em torno do artista. Em seguida, seria interessante que os autores da pesquisa colocassem, para os demais colegas da sala, o que foi encontrado, relatando suas descobertas como se fossem detetives. Você pode estimular os alunos a fazerem perguntas, explorando aquilo que eles gostariam de saber sobre o artista. O mesmo levantamento pode ser feito, mesmo que nada tenha vindo da pesquisa solicitada. O que eles poderiam prever de um artista

que tem esse nome e que nasceu em Fortaleza, em 1957, e que morreu em São Paulo, em 1993? Essas perguntas trazem curiosidade para ver o documentário?

- ⊙ O que seus alunos gostam de fazer? O que não gostam? É possível pedir para que cada aluno formule questões acerca desse tema (lembre-se do caderno de Leonilson). O que escreveram? O que foi mais inusitado? O que foi mais improvável? Após socializar as idéias expressas de forma geral e rápida, você pode iniciar a exibição do documentário e fazer uma interrupção no texto que diz: “o que eu faço são objetos de curiosidade”. É um bom momento para problematizar o que eles viram, buscando as percepções, os sentidos construídos, o que chamou a atenção dos alunos. Outro estímulo pode surgir da comparação das frases de Leonilson e a sua caligrafia com as dos alunos. Convide-os, então, para verem o documentário inteiro e descubrirem o que são os “objetos de curiosidade”.
- ⊙ Sem que os alunos tenham visto o documentário, você pode questioná-los sobre o que pensam ser as linguagens artísticas, que tipos de materiais e procedimentos são usados em sua produção. Qual a temática recorrente no tipo de manifestação artística que eles conhecem? O que preferem ou conhecem como arte? Em seguida, você poderá conduzir uma reflexão sobre a possibilidade de uso de diferentes materiais que não aqueles que conhecem e reconhecem como “adequados” à produção artística. Pergunte se conhecem alguma obra, ou algum artista que faz uso de materiais ou procedimentos não convencionais na arte, e que faça obras semelhantes a um diário. Uma vez mobilizados e instigados, a apresentação do documentário inteiro, para que tenham noção do todo, torna-se interessante. Depois, é possível encaminhar uma reflexão, por exemplo, sobre a vida e a obra de Leonilson. Tente observar como reagem às questões polêmicas que o documentário traz, nível de aceitação, atitudes de rejeição, preconceito, ou seja, as reações diante do filme.

## **Desvelando a poética pessoal**

A obra de Leonilson incentiva proposições pedagógicas que se tornem espaço da criação pessoal, desafiando os alunos para a produção de suas próprias poéticas. Sugerimos duas proposições que podem ser escolhidas individualmente pelos alunos. É interessante permitir, também, que eles inventem seus próprios desafios.

- Pode ser intrigante o pedido para que cada aluno faça seu diário, assim como Leonilson, com certa economia de palavras (para que a narrativa ganhe uma condição menos literária) e desenhos, marcando cada dia, durante um tempo determinado, buscando materiais, cores e formas para dar visualidade aos sentimentos e pensamentos que rondaram o processo. Ao final do projeto, quais poéticas surgiram nos cadernos apresentados?
- É possível propor que pensem em materiais considerados não convencionais. O desafio de criar vários trabalhos, fazendo uso desses materiais pesquisados, na busca de sua própria marca pessoal, pode ser um recurso bastante rico e interessante.

## **Ampliando o olhar**

- Há momentos vividos no cotidiano que nos trazem inquietos pensamentos, emoções e sensações. Partindo dessa idéia, você pode solicitar aos alunos que pensem num momento vivido que lhe seja especial e, a partir daí, pedir para que imaginem uma palavra ou pequena frase, um material e uma forma que expresse e registre esse momento singular. Tornam-se oportunos questionamentos como: por que escolheram o material específico? Por que aquela forma? Por que aquela palavra? As repostas podem ser registradas em uma folha. (Se o grupo, como um todo, for arredo a essas solicitações mais pessoais, sugira que tragam à memória um momento da vida de alguém que lhes é próximo. Talvez,

isso gere uma melhor aceitação). Depois, você pode dividir os alunos em pequenos grupos e solicitar a apresentação de seus projetos aos colegas, buscando seu entendimento sobre a relação entre a palavra, a matéria, a forma e a idéia do autor. Quais são as sugestões do grupo para que o trabalho fique mais coeso? Dessa discussão, nascerá a produção a ser apresentada para a classe e discutida por todos. Esse poderá revelar-se um bom momento para ampliar o olhar sobre o conceito de forma e conteúdo.

- ☉ Um olhar sobre as caligrafias, do passado e do presente, das crianças e dos adolescentes e de diferentes adultos, é outra sugestão para gerar uma boa discussão. É possível abordar, também, as letras oferecidas no computador, assim como as utilizadas nas propagandas e outdoors. Vocês poderão refletir e perceber como esses signos expressam modos de ser. Que formas de letras escolheriam para falar de uma manhã feliz? De uma noite triste? Invente com os alunos textos que poderiam escrever com determinadas formas de letras.
- ☉ Outra boa investigação pode tratar de outros artistas que fazem uso de materiais e suportes não convencionais, procurando informações sobre esses procedimentos na arte contemporânea. O site <<http://sergioeleda.sites.uol.com.br/>> especializado em alguns artistas e criado por Leda Catunda e Sérgio Romagnolo, que foram amigos de Leonilson, é um interessante ponto de partida para essa busca.
- ☉ O documentário, durante o depoimento do fotógrafo Eduardo Brandão, mostra ao fundo a obra *Karen, Sandra, Ellen, Eliane, Henry, Keila e Chico*, da artista Keila Alaver que, desde o início de sua carreira, trabalha com o tema auto-retrato. Procurando, a partir dessa obra, informações sobre a recriação e subversão da tradição do auto-retrato, quais conexões podem ser tecidas com a obra de Leonilson?
- ☉ Pontes, malas, torres, escadas, corpos transparentes são alguns signos visuais utilizados por Leonilson. A partir deles, é possível convidar cada aluno para a escolha de um



desses signos e solicitar que o repita recriando outras situações, outras conexões, outros significados. Você pode pedir que busquem outros materiais e suportes para desenhá-los, e, ainda, organizar uma pequena exposição na classe sobre esses signos visuais, verificando as significações possíveis e estabelecendo relações com as vidas de seus autores.

## **Conhecendo pela pesquisa**

- É possível que o foco da pesquisa seja o próprio documentário. Por exemplo, os questionamentos para a condução de uma investigação biográfica poderiam ser: que elementos foram usados para mostrar a vida do artista? Qual a importância do registro dessas informações coletadas por meio da memória das pessoas que conviveram com ele? Qual a importância de coletar, catalogar, registrar e conservar a vida e a obra dos artistas da contemporaneidade? A partir destas questões, pergunte se eles gostariam de fazer uma biografia? De quem seria? De que modo? Se algum grupo se interessar de fato, dê a oportunidade para que façam, enquanto outros grupos se dedicam a outras produções.
- Leonilson gostava muito de literatura de cordel. O que os alunos sabem sobre ela? Quais as temáticas mais comuns? Como são realizadas e vendidas? Eles sabem por que esta literatura é chamada “de cordel”? Lance uma pesquisa sobre esta manifestação popular e provoque-os para que façam em grupo uma história que conte, por exemplo, a vida na escola em que estudam.
- O documentário traz a presença da museóloga do *Projeto Leonilson*. O que os alunos conhecem sobre procedimentos de pesquisa, coleta de dados, organização de documentos, informações? O que seria interessante preservar na comunidade em que vivem? E nos guardados familiares? A partir daí, podem nascer projetos de catalogação e preservação da memória, ou uma pesquisa sobre um pequeno museu na cidade, ou mesmo sobre uma coleção de alguém da comunidade.

- © No documentário, Daniel Senise apresenta a obra *Leda e o cisne* de Leonilson. O mito de Leda e o cisne sobrevive até hoje e sua expressão na arte pode ser encontrada desde as esculturas na Grécia Antiga. Do que nos fala esse mito? Como outros artistas o expressaram? A pesquisa poderá provocar discussões sobre o desejo e a sedução.

### **Amarrações de sentidos: portfólio**

O percurso do projeto desenvolvido, quando registrado, nos possibilita rever e avaliar o que realmente foi significativo, e realizar a escolha do que deve constar, ou não, num registro final. É interessante que a forma de elaboração e apresentação do portfólio seja discutida e decidida coletivamente. O resultado pode ser criado em pequenos grupos, individualmente ou pode constituir-se em uma única produção para toda a sala. Sugerimos que sejam criados cadernos, onde os desenhos, as caligrafias, as frases/palavras possam contar o que estudaram, conheceram e aprenderam com este projeto.

### **Valorizando a processualidade**

É importante perceber que transformações aconteceram no processo. Quais conhecimentos foram construídos? O que não era conhecido e agora se conhece? O que ainda se deseja conhecer? Olhando para o processo vivido, você poderá avaliar o seu projeto inicial, as etapas que efetivamente foram desenvolvidas, as dificuldades no caminho, as soluções encontradas, os ajustes que se fizeram necessários, as surpresas geradas durante a pesquisa. O que faltou, ou o que teria sido mais bem aproveitado caso tivesse sido feito de outra maneira? Se o projeto fosse realizado novamente, o que você mudaria? Ampliaria ou reduziria as ações? Aumentaria o tempo de desenvolvimento? Manteria o mesmo enfoque?

A organização de um debate com os alunos, após essa sua primeira reflexão, pode levar a discussões sobre a percepção

do percurso seguido, sobre o que sabiam antes e o que sabem agora, sobre o que mudou na compreensão da arte contemporânea, da obra de Leonilson, sobre o próprio trabalho artístico e de pesquisa. Mediado por essas e outras questões, o debate poderá levar à compreensão do que efetivamente aprenderam e como poderão transpor esse conhecimento para sua vida pessoal e para o seu processo criativo.

## Glossário

**Corpo** – de certa forma, o interesse da arte contemporânea pelas questões do corpo ligam-se ao contexto de final do século XX, à globalização, ao anonimato gerado nos contatos virtuais pelo sistema corporativista dos meios de comunicação virtual. No contexto social, uma nova e radical “fiscalidade” revela-se pela presença da aids, além de outras doenças virais, aliada a um culto ao corpo que permite transformações físicas, às clonagens e aos experimentos genéticos. Fonte: CANTON, Katia. *Novíssima arte brasileira*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

**Instalação** – o termo é incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 60, designando ambientes construídos nos espaços das galerias e museus. As ambigüidades que rondam a noção, desde a origem, não podem ser esquecidas, mas tampouco devem afastar o esforço de pensar as particularidades dessa modalidade de produção artística que lança a obra no espaço, com o auxílio de materiais muito variados, na tentativa de construir um certo ambiente ou cena, cujo movimento está dado pela relação entre objetos, construções, o ponto de vista e o corpo do observador. Para a apreensão da obra é preciso percorrê-la, passar entre suas dobras e aberturas, ou, simplesmente, caminhar pelas veredas e trilhas que ela constrói por meio da disposição das peças, cores e objetos. Fonte: <[www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br)>.

**Literatura de cordel** – é um tipo de literatura do povo, escrita em livrinhos-mal-acabados, de 11 por 15 cm, que se padronizam através do papel dobrado em quatro, com 8, 16, 24, 32, 48 e 64 páginas. O cordel de 8 e 16 páginas é chamado folheto, o de 24 e 32 páginas é conhecido como romance e o de 48 e 64 páginas, bem como o que aparece seriado ou com mais de um volume, é o romance-exagerado. Os livrinhos são vendidos nas praças, mercados e feiras, pendurados num cordão (cordel), abertos ao meio. Fonte: ACCIOLI, Marcus. *Guriatã: um cordel para menino*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

**Memória** – um movimento de resistência na arte contemporânea é movido pela atitude artística de vasculhar as memórias pessoais e configurar um atento olhar para dentro. Processa-se, então, um movimento contra a apa-

tia e a amnésia geradas por um avassalador panorama externo de excessos, estabelecido pela cultura da mídia eletrônica e cibernética que produz um máximo de informação contido em mínimo de tempo. Fonte: CANTON, Katia. *Novíssima arte brasileira*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

**Narrativas enviesadas** – as relações de dualidade entre corpo e espírito, a memória e os registros pessoais são o grande e inquietante tema de uma nova geração de artistas. Ele se estrutura a partir de arranjos formais e construções conceituais que formam narrativas não lineares, enviesadas, que levam em conta a sofisticação da estruturação de materiais e meios, oriundos de projetos desenvolvidos pela vanguarda modernista, que marcou grande parte do século 20. Fonte: CANTON, Katia. *Novíssima arte brasileira*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

**Objeto** – tem sua origem nas *assemblages* cubistas de Picasso, nas invenções de Marcel Duchamp e nos *objects trouvés* (objetos encontrados) surrealistas. No Brasil, a questão do objeto se abre na década de 60, com trabalhos que rompem com a bidimensionalidade da pintura. A construção de objetos e o uso de objetos prontos em trabalhos compostos se expandiram e, hoje, são considerados uma categoria. Fonte: COSTA, Cacilda Teixeira da. *Arte no Brasil 1950-2000*. São Paulo: Alameda, 2004.

**Subjetividade** – é o perfil de um modo de ser, de pensar, de agir, de sonhar, de amar, de fantasiar, etc. - que recorta o espaço, formando um interior e um exterior. Porém, as subjetividades encontram-se, hoje, atravessadas por uma infinidade cambiante de fluxos heterogêneos, tomadas por intensidades, forças/fluxos que compõem os meios variáveis que habitam a subjetividade: meio profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico, etc. Portanto, não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia. Reciprocamente, não há cultura sem um certo modo de subjetivação que funcione segundo seu perfil. Nessas condições, revela-se na subjetividade sua natureza de sistema complexo, heterogenético e distante do equilíbrio. Mais do que subjetividades, o que há são processos de individuação ou subjetivação. Fonte: <[www.caosmose.net/suelyrolnik/](http://www.caosmose.net/suelyrolnik/)>.

## Bibliografia

FARIAS, Agnaldo. Breve roteiro para um panorama complexo: a produção contemporânea (1980 a 1994). In: *Bienal Brasil Século XX*, São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1994.

CANTON, Katia. *Novíssima arte brasileira*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

\_\_\_\_\_. Gerações Costuradas. *Revista Bravo*. São Paulo. n.º. 70, julho/2003.

GÓES, Clara de. Livro 6. In: SALGADO, Renata (org.). *Imagem escrita*. Rio de Janeiro, Graal, 1999.

LAGNADO, Lisette. *Leonilson: são tantas as verdades = so many are the truths*. São Paulo: Projeto Leonilson e SESI, 1995.

MESQUITA, Ivo. *Leonilson: use, é lindo, eu garanto*. São Paulo: Projeto Leonilson e Cosac & Naify, 1997.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

REIS, Paulo Roberto de Oliveira. *A construção do desenho-sujeito, temporalidade e catografias em Leonilson*. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1998.

## Seleção de endereços sobre arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 13 jan. 2005.

ALAVÉR, Keila. Disponível em: <[www.joycelarronda.com.br/1bienal4/keila](http://www.joycelarronda.com.br/1bienal4/keila)>.

CATUNDA, Leda. Disponível em: <[www.obraporobra.com/latino/catunda.asp](http://www.obraporobra.com/latino/catunda.asp)>.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTES VISUAIS. Disponível em: <[www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br)>.

LEDAE O CISNE, Mito. Disponível em: <<http://warj.med.br/img/pin/i142.asp>>.

LEONILSON BEZERRA DIAS, José. Disponível em: <[www.projetoleonilson.com.br](http://www.projetoleonilson.com.br)>.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[www.uol.com.br/leonilson/](http://www.uol.com.br/leonilson/)>.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[www.mam.org.br/imprensa/releases/imprensa\\_mam](http://www.mam.org.br/imprensa/releases/imprensa_mam)>.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[www.mac.usp.br/exposicoes/97/heranca/curadora](http://www.mac.usp.br/exposicoes/97/heranca/curadora)>.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[www.newton.freitas.nom.br/textos155](http://www.newton.freitas.nom.br/textos155)>.

ROMAGNOLO, Sergio. Disponível em: <<http://sergioeleda.sites.uol.com.br/pagina1s.html>>.

SENISE, Daniel. Disponível em: <[www.obraprima.net/materias/html522/senise](http://www.obraprima.net/materias/html522/senise)>.

## Notas

<sup>1</sup> KANDINSKY, Wassily. Sobre a questão da forma. In: *Olhar sobre o passado*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 118.

<sup>2</sup> Lisette LAGNADO, *Leonilson: são tantas as verdades = so many are the truths*.

<sup>3</sup> Luigi PAREYSON, *Os problemas da estética*, p. 57 (grifos do autor).

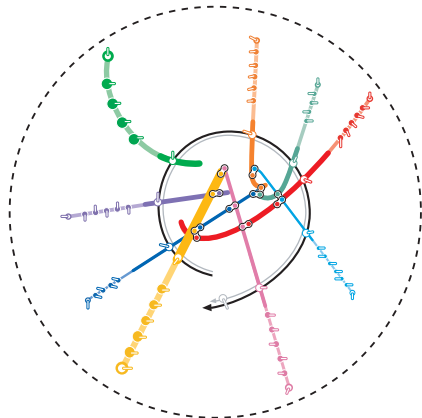
<sup>4</sup> Katia CANTON, Gerações costuradas. *Revista Bravo*, p.77.

<sup>5</sup> Katia CANTON, *Novíssima arte brasileira*

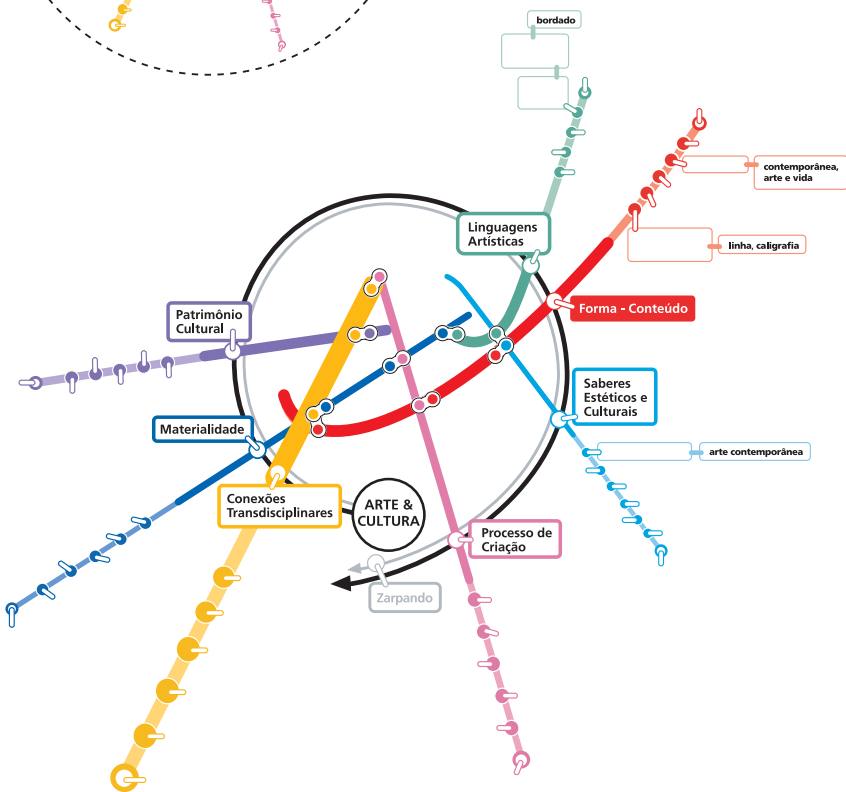
<sup>6</sup> Clara de GÓES, *Livro 6*, p.82-95.

<sup>7</sup> O texto completo está disponível no site da DVDteca.

<sup>8</sup> ARCHER, Michel. *Arte contemporânea – Uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 236.



**Mapa potencial**  
**LEONILSON:**  
**TANTAS VERDADES**



Patrocínio | Organização



FUNDAÇÃO  
**IOCHPE**



[www.artenaescola.org.br](http://www.artenaescola.org.br)